



**PEQUENO PERVERSO-POLIMORFO:
PINK FREUD E A CRIANÇA *QUEER***

***Eixo Temático 19 – INFÂNCIAS, GÊNERO E SEXUALIDADES:
RESISTÊNCIAS POSSÍVEIS EM TEMPOS DE RETROCESSOS***

Danielle Ferreira Bastos ¹

RESUMO

O trabalho pretende divulgar as potencialidades da criança *queer* apresentada por Freud no texto “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905) que rompendo com os padrões de gêneros e sexualidades pré-estabelecidos, hoje desafia as normas da escola. Foram visitados textos de Freud e autores contemporâneos como Butler, Preciado e Louro, para contribuir com a reflexão acerca da implementação de uma Pedagogia *Queer* pensada a partir da criança. A discussão é apresentada no texto por meio da “vinheta escolar” - encontro entre o professor e a criança que se apresenta enquanto sujeito de sua própria história, inspirando o rompimento de constructos sociais que garantem a subalternização dos corpos que se apresentam como marcadores de instabilidade das identidades.

Palavras-chave: Teoria *queer*, Criança *queer*, Psicanálise e educação, Sexualidade infantil, Diferenças.

INTRODUÇÃO

O termo *queer* não é voltado apenas às categorias de gêneros e sexualidades. O *queer* faz menção a todos os sujeitos marginalizados por políticas de normalização. É também apresentado como um movimento de se posicionar criticamente fora dos padrões da heterormatividade, tal como a criança *queer* que faz uso da estratégia de confronto e desafio, não estabelecendo vínculo com qualquer pretensão identitária ou normatizadora.

¹ Doutoranda do Curso de Educação da Universidade Federal FluminenseUFF/RJ, daniellefbastos@hotmail.com



Para discorrer sobre a criança, não há como deixar de mencionar os estudos sociológicos de Ariès (1981) por meio dos quais o autor declara a infância como uma etapa do desenvolvimento com especificidades de uma construção culturalmente determinada. Uma infância que se constitui em tempo histórico e social, nos faz pensar na evolução das infância(s) e como lhe são dadas bordas que permitem diferenciá-las enquanto experiências subjetivas para além do tempo.

A infância também faz parte da história da psicanálise e o modo como Freud compreendeu sua importância na constituição psíquica de todos os sujeitos é fundamental para o entendimento dos estudos psicanalíticos sobre a criança, sobretudo sobre a criança *queer* a partir da obra “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905/2006).

Mesmo que Freud não tenha se desvinculado totalmente de seu tempo, mantendo-se de algum modo nas estruturas do pensamento conservador e normativo de sua época, Dean (2006) sugere que Freud foi o verdadeiro fundador intelectual da teoria *queer*, fato que a partir dos estudos de Butler (1990/2019) uma das mais influentes teóricas *queer*, foi desenvolvida sua crítica sobre os aspectos fundantes da psicanálise e estabelecido um permanente diálogo dos estudos *queer* com a teoria de Freud.

A partir da perspectiva freudiana, a criança não é vista como incapaz e ingênua por natureza. Freud revela que ela é “um corpo atravessado pela pulsão (...) um corpo de desejo” (Ferreira, 2017, p.54). Diante disso, a sexualidade da criança não é inerte e sim marcada por um desejo que se apresenta diante da comunidade escolar sob uma demanda que precisa ser observada, ainda que a princípio pareça incompreensível.

Objetivando desinibilizar a criança *queer* que rompe com os padrões preestabelecidos por uma sociedade sustentada pelo conservadorismo, o trabalho apresentado investigou através das “vinhetas escolares”², cenas que demonstram como as normatizações influenciam o fazer pedagógico do professor, da professora e/ou professore da educação infantil.

² As “vinhetas escolares” têm a característica de serem construídas por memórias e impressões daquilo que foi vivido, portando um caráter inerente aos processos mnemônicos conscientes e, sobretudo, inconscientes.



Sigmund Freud, Judith Butler, Paul Preciado e Guacira Lopes Louro, fundamentaram a construção do trabalho a partir de um olhar mais humano das relações que podem ser estabelecidas entre a criança *queer* e a comunidade escolar e, conseqüentemente, a possibilidade de vislumbrar uma educação voltada a acolher as diferenças.

Freud por meio da teoria do desenvolvimento da sexualidade infantil e com seu conceito de criança (1900/1980; 1905/2006; 1907/1976) nos apresenta a infância cronológica que não pode ser confundida com o infantil que é reconstruído no nosso discurso cotidianamente, pois mesmo que ele não se possa ver, está no modo de ser e agir, mesmo que de forma inconsciente em cada sujeito na idade adulta. Por isso, a psicanálise sustenta a existência permanente da criança no adulto, quando nos remetemos não apenas à infância e sim ao infantil, esse infantil que escapa à racionalidade e é a fonte das experiências que são permanente movimento de subjetivação; Judith Butler (1990/2019) valendo-se dos estudos de Freud, aproximou a teoria *queer* da psicanálise, introduzindo o conceito de melancolia de gênero que é pensado da seguinte maneira: o objeto de amor homossexual é perdido e, por ser proibido, essa perda não é vivida, de modo que o objeto é internalizado e interdito, sendo o tabu da homossexualidade uma função mantenedora da identidade “aceita” pela cultura; Preciado (2013) sob o arcabouço da Filosofia da Diferença e das epistemologias *queer*, ora permeia um diálogo possível entre o *queer* e a psicanálise, ora destaca a necessidade de inaugurar uma psicanálise atravessadas pelas teorizações *queer* a partir de suas contundentes críticas aos discursos e práticas da psicanálise quando engessadas pelas normatizações; e Louro (2004) cuja obra toma como base as questões de gêneros e sexualidades voltadas à educação escolar na perspectiva da implementação de uma Pedagogia *Queer* que possibilite uma educação que não investe apenas em uma perspectiva binária de gênero e sexualidade, se esforçando para pensar novas estratégias pedagógicas não normativas como um campo moderno que “longe de pretender atingir um sujeito ideal, assumiu um caráter inconcluso e incompleto” (Louro, 2001, p. 552), tal como são as infâncias na educação infantil.

Entre as convergências e divergências das teorias *queer* e psicanalítica, a busca de atravessamentos que reproduzam fissuras e subversões pela possibilidade de criações de



teorias outras se faz necessário para evidenciar os processos invisíveis pelos quais passa a criança *queer* nas escolas.

Ao ler a teoria da sexualidade infantil de Freud de uma forma *queer*, profundamente inovadora e subversiva, é possível pensar radicalmente sobre a ordem vigente e enxergar a possibilidade que fundamenta a existência da criança *queer* nas formas de expressão de seus desejos.

Para o estudo foi utilizada a metodologia *queer* que segue sendo uma pergunta ainda em aberto. Ranniery (2016) defende que a metodologia *queer* é aquela que utiliza diferentes métodos para coletar e produzir informações que desembocam no esforço de rejeitar a adoção acrítica de qualquer instrumento metodológico.

Portanto, inspirado na metodologia *queer*, o trabalho investigou crianças *queer* da educação infantil junto aos seus professores em uma unidade de uma Rede Pública Municipal de Ensino do Estado do Rio de Janeiro³ por meio das “vinhetas escolares” para ir ao encontro da questão norteadora do estudo: a partir dos pressupostos das epistemologias *queer* e das contribuições da psicanálise para a educação, como os professores podem acolher a criança *queer* que narra suas experiências na educação infantil?

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na educação infantil as crianças subvertem e questionam as identidades e ofertam a possibilidade de que a realidade seja vista não a partir das identidades, mas das diferenças. O que a criança *queer* gera nos adultos é instável, pois havendo diferenças, não se pode estabelecer nenhuma identidade, já que ela está em constante mudança (Butler, 1990/2019). Contudo, a comunidade escolar, muitas vezes, não acolhe essa criança subversiva e questiona como ela pode ser tão fluida e natural na expressão de seus desejos.

³ No sentido de respeitar a vertente ética do estudo, no texto foi preservado o anonimato da instituição escolar e das crianças que tiveram seus nomes alterados.



Uma vinheta escolar:

Na aula da turma da pré-escola com crianças na faixa-etária entre quatro (4) a seis (6) anos de idade, o tema da aula era “profissões.” As crianças falavam de seus desejos e projetos para o futuro.

Dominique: - “Quando eu crescer, vou ser professora.”

Duda: - “Quando eu crescer, quero ser bombeiro.”

Chris: - “Eu quero trabalhar em casa igual minha mãe.”

Ariel: - “Eu quando crescer, quero ser a Barbie.”

Ariel é um menino negro de cinco (5) anos de idade, que tem preferência por brincar com o grupo de meninas da turma, sempre escolhendo entre os brinquedos dispostos, as bonecas, panelas, roupas coloridas e salto alto para compor seus cenários entre a realidade e a fantasia.

Quando a professora explicou à turma que a Barbie era uma boneca e não uma profissão, Ariel não se interessou por compreender.

As demais crianças apesar da pouca idade, repreenderam Ariel lhe informando:

- “A Barbie é loira e você é um menino preto.”

Na situação de repreensão dos amigos, Ariel iniciou um processo de choro. Para ele não importava se a boneca Barbie não era classificada como profissão. A pergunta da professora foi: “O que você quer ser quando crescer?” E o Ariel prontamente respondeu: “A Barbie!”

Quem era o Ariel na escola? Ariel era o portador de um enigma, aguardando o momento mais oportuno para se manifestar.

As questões acerca da sexualidade infantil predominaram na leitura freudiana como o estudo que abriu caminho para descortinar a criança que é dotada de sentimentos



e desejos, que vive conflitos e contradições, e, sobretudo que, é portadora de sexualidade e escapa ao controle da educação (Freud, 1907/1976).

Nas ações tradicionais que são diariamente desmascaradas nas escolas pela possibilidade de conceber novas ideias distantes de normas e padrões, quais experiências os professores têm deixado de viver profundamente com suas crianças? É necessária a busca por uma educação que contemple as diferenças, de modo a se firmar contra qualquer preconceito ou discriminação.

Entendemos haver diálogo entre a teoria *queer* e a educação por meio de pedagogias e currículos para além dos binarismos como pensado por Louro (2004) ao propor a pedagogia *queer*. Sexualidades interseccionalizadas com gêneros, raças, classes e diferenças articulam a importância de divulgar o pensamento *queer*, desde suas origens para uma discussão aberta ao diálogo entre a comunidade escolar e a sociedade.

Ariel, aquela criança *queer* que vivia sua vida em cor-de-rosa, mesmo sem a consciência do que acontecia ao seu redor, mostrou-se firme em suas escolhas. Ariel, uma criança preta foi hostilizada por seus pares, também crianças, e não foi defendida pelos profissionais da escola. Ao contrário, a instituição que deveria acolhê-la e protegê-la, a barrou na exposição de ser criança que se revela naturalmente nos seus desejos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma criança como a *queer* da qual sabemos pouco, idealizamos muito e nos esforçamos por supostamente controlar, diariamente é rememorada como um desafio e permitir que a criança *queer* se releve é possibilitar que o novo, a criação e a diferença se façam presentes. A infância nessa ótica apontaria para o desconhecido diante do qual pode-se extrair novos sentidos, no lugar de soterrá-la em uma suposta soberania e completude do adulto.



Inspirando-se na leitura de Freud, é possível aproximar a criança *queer* do professor quando o teórico nos ensina que o inconsciente, sendo atemporal, não amadurece nem se desenvolve, permanecendo na mesma condição encontrada na criança e no adulto, o que ocasiona a máxima de que todos nós somos por natureza, infantil.

Como um marcador de instabilidade das identidades, a criança *queer* se mostra ativa em não tratar necessariamente e apenas das diferenças relacionadas às sexualidades. Mesmo que a teoria *queer* se oponha aos que defendem a noção de identidade, sua mobilização segue além da expansão do ativismo contrário à heteronormatividade, voltando-se mais à prática *queer* como rompimento de constructos sociais que ainda garantem a hierarquização e subalternização das minorias, sendo a pedagogia *queer*, um farol para guiar práticas desconstruídas *queer* nas escolas.

As significativas contribuições de Freud sobre o conceito de sexualidade infantil se mostram relevantes para o entendimento do comportamento da criança *queer*, lembrando que a sexualidade não se vincula apenas ao psiquismo do sujeito, mas está atrelada também à sua formação pessoal e que a criança é dotada de sexualidade desde que nasce, buscando o prazer em todas as fases vividas.

Vale ainda destacar que, não somente a família faz parte do processo de formação da sexualidade de seus filhos, mas, também, a escola que, imbuída de um diálogo claro, aberto e sem preconceitos entre a comunidade escolar e as famílias, indica um caminho para a aceitação do desenvolvimento da criança *queer*, orientada a vivenciá-lo de forma menos traumática.

Os atravessamentos provocados pelas enunciações da “vinheta escolar” no texto do trabalho, buscou pensar como possíveis práticas pedagógicas atravessadas por uma pedagogia *queer* podem estimular diariamente as práticas na escola.

As epistemologias *queer* nos ajudam a escapar de formas de representações identitárias para compreender que a criança é o que é, o que deseja ser e por si só, já é *queer* cotidianamente.



Um modelo de criança que corresponde à norma social, apresentada apenas como menino ou menina com as características heteronormativas e estrutura familiar compatíveis com o que é esperado por uma sociedade conservadora não é mais possível na escola que se pretende um espaço de desenvolvimento, aprendizagens e diferenças.

Portanto, se faz necessário falar da criança que implica trazer problemas reais para o cotidiano escolar já que sua presença demonstra uma valentia que esbarra nas falas e comportamentos de seus professores, como uma renovação do próprio desejo que não retrocede ante a realidade: a criança *queer* sempre existiu, existe e existirá e narra suas experiências na educação infantil utilizando-se de um sentido de subversão e contrariedade em uma resistência que escancara a “porta do armário” e coloca toda a escola enquanto aprendente de formas de ser e existir em um mundo pensado a partir das diferenças.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe (1981). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC (Trabalho originalmente publicado em 1973).
- BUTLER, Judith. (2019) *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira (Trabalho originalmente publicado em 1990).
- DEAN, Tim. *Lacan et La théorie queer*. *Eres - Cliniques méditerranéennes*, n. 74, p. 61-78, 2006.
- FERREIRA, Tânia. *A escrita da clínica: psicanálise com crianças*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- FREUD, Sigmund. (1980) A Interpretação dos Sonhos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume V*. Rio de Janeiro: Imago (Trabalho originalmente publicado em 1900).
- FREUD, Sigmund. (2006) Três ensaios sobre sexualidade e outros Trabalhos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume IV*. Rio de Janeiro: Imago (Trabalho originalmente publicado em 1905).
- FREUD, Sigmund. (1976) O esclarecimento sexual das crianças. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume IX*. Rio de Janeiro: Imago (Trabalho originalmente publicado em 1907).



LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2004.

PRECIADO, Beatriz. Quem defende a criança queer? *Jangada-crítica, literatura, artes*, Viçosa, p. 96-99, 2013.

RANNIERY, Thiago. No meio do mundo, *aquendar* a metodologia: notas para *queerizar* a pesquisa em currículo. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, n 2, vol. 11, p. 332-356, 2016.